

Scalabrini e a Caridade

“Pai bom, Pastor amoroso, figura esplêndida e amável de homem de Deus (...), Dom Scalabrini foi o homem da caridade paciente, benigna, que não pensa em si mesmo, que tudo crê, tudo espera, tudo suporta: o homem a quem cabe muito bem a citação do Sirácide: “Este foi um homem misericordioso e a sua caridade não foi esquecida” (44,10), nem em Piacenza, nem em outras partes da Itália, da Europa, do novo mundo, grande caridade pela fama e ainda maior na realidade” (Card. Andréa Ferrari, 1916).

Beato João Batista Scalabrini Bispo e Fundador

“Pai bom, Pastor amoroso, figura esplêndida e amável de homem de Deus (...), Dom Scalabrini foi o homem da caridade paciente, benigna, que não pensa em si mesmo, que tudo crê, tudo espera, tudo suporta: o homem a quem cabe muito bem a citação do Sirácide: “Este foi um homem misericordioso e a sua caridade não foi esquecida” (44,10), nem em Piacenza, nem em outras partes da Itália, da Europa, do novo mundo, grande caridade pela fama e ainda maior na realidade” (Card. Andréa Ferrari, 1916).



No “Perfil” (pp. 9-3), e nos “Anais” (pp. 13-17) foram já vistas as “obras de caridade” de Dom Scalabrini, por isso aqui indicamos novamente aqueles “dèpliants”.

Agora, pretende-se oferecer uma antologia do seu pensamento sobre esta virtude, iniciando por Deus e pelos seus servos, para ver então a relação que a caridade tem com a filantropia e a beneficência. E, para terminar, dois comentários do Hino à caridade da Carta aos Coríntios aplicadas aos educadores.

Deus é Caridade

A caridade vem de Deus, aliás, segundo ápice da revelação cristã, “Deus é caridade” (I Jo 4,8).

Deus não é definido como o ser subsistente, fechado na plenitude de sua perfeição, mas com um sinal “derivado” do ser subsistente e, portanto, filosoficamente “inferior”, como é precisamente a abertura contida na “relação” do amor.

Esta revolução, na verdade, coperniana, traduzida pela revelação que faz de Deus o amor, que é como dizer o dom, a comunhão, o ser para o outro, João a deduz do fato da Encarnação do Filho de Deus: daquilo que Deus fez o apóstolo remonta aquilo que Deus é, a essência de Deus.

Scalabrini exprime isto de forma estupenda, quando, através da Encarnação, identifica a verdadeira essência de Deus no amor:

“O nome (= a pessoa) de Jesus é o nome acima de todo outro nome, porque faz conhecer Deus nos seus atributos mais amáveis, aproxima o seu coração ao nosso coração e o faz palpitar de um sim puro, de um sim nobre, de um sim galhardo afeto, o qual nenhuma criatura pode comunicar, e do qual não seria crível nem mesmo possível a existência. Faz conhecer Deus em sua verdadeira essência, que é caridade, e repousa a mente naquela última solução de todos os problemas, naquele supremo axioma (= verdade evidente) da revelação, naquela luz reveladora (= clarificadora) de todos os mistérios - a caridade: “E nós acreditamos na caridade de Deus” (I Jo 4,16). O símbolo, o código, a bandeira desta fé na caridade é, portanto, o adorável nome de Jesus”. (Discurso I do Ano 1889).

“Com a estrela dos Magos (com a Encarnação) Deus se manifestou mais do que com a própria criação. A criação nos dizia que nós éramos obra de suas mãos, a estrela dos Magos nos diz que nós somos obra de seu coração; o conhecimento nos dizia que éramos os seus súditos, a estrela dos Magos nos ensina que somos os seus filhos; a criação estabelecia entre nós e Deus o vínculo da dependência e do dever, a estrela dos Magos estabeleceu entre nós e Deus o vínculo do sentimento e do amor. Não que Deus tenha começado a ser aquilo que não era, mas é que nós começamos a conhecer neste dia, mediante, portanto, a revelação da estrela, aquilo que Ele é. Pela criação, nada ou bem pouco se sabia de Deus, pela estrela dos Magos soubemos tudo, porque soubemos que Deus é caridade e que pelo ímpeto da caridade se encarnou no seio da Virgem Maria”. (Discurso na Epifania 1898).

A caridade do Bispo: tudo para todos

Para o Jubileu episcopal do amigo Bonomelli, Scalabrini traça um perfil do bispo que é um auto-retrato, e que faz dele o homem de Deus que se faz, paulinamente, “tudo para todos”. A caridade é uma virtude totalizante e totalitária e que se estende, além do mais, a toda criatura:

sobretudo a toda dimensão do homem e da sua história. Percebe-se nesta página também a fonte da sua atividade social, especialmente em favor dos migrantes. Percebe-se, isto é, a caridade de pátria:

“Sacrificar-se, de todas as maneiras, para dilatar nas almas o Reino de Jesus Cristo, arriscar, se necessário, a própria vida para a salvação do seu amado rebanho, colocar-se, direi assim, de joelhos diante do mundo a fim de implorar como uma graça, a permissão para fazer-lhe o bem: eis o espírito, o caráter, a única ambição do Bispo. Para este fim ele usa de tudo o que possui de poder, de autoridade, de habilidade, de talento, de força... E que obra pode não ser verdadeiramente boa e benéfica a qual não obtenha do Bispo proteção e favor?

Será ele, talvez, recompensado pela ingratidão, não importa. A sua caridade não diminui jamais: “nunquam excidit” (I Cor 13,8)... E prestai atenção, senhores.

Deus é caridade, e quanto mais uma alma está unida a Deus, tanto mais há nela plenitude de caridade. Eis porque o Bispo não ama só a Deus, não ama só os irmãos, mas tudo aquilo que é digno de amor. Tudo, repito, sem exceção.

Ele ama toda coisa bela, toda coisa grandiosa, toda coisa santa: matéria e espírito, razão e fé, natureza e graça, civilização e religião, Igreja e Estado, família e pátria.

Ele ama todas as harmonias da natureza humana e as ama porque não pode não amá-las: as ama porque no seu coração, unido mediante a plenitude do Espírito Santo (com a consagração episcopal) a Deus verdade, beleza, bondade, vida, amor por essência, não pode não ser plenitude de amor”.

Hino à caridade

Por ocasião de um rito para as vítimas do terremoto na ilha de Isquia (1883), a fim de estimular a generosidade dos presentes, Scalabrini pronuncia este elogio à caridade, que tem seu ponto mais elevado na “perenidade” sobre a “temporaneidade” da fé e da esperança:

“A caridade, esta cidadã descida do céu, entre nós, para aproximar os corações, atenuar as ânsias, reerguer os ânimos abatidos, tornar felizes, com as alegrias mais puras, as famílias desventuradas, o mais belo dom que Deus podia dar à sua criatura; a caridade torna o jugo suave e leve o peso da lei e da vida; que espargue de alguma flor o difícil caminho deste exílio; que é bálsamo para tantas feridas, refrigério para tantos corações; A caridade, que unida ao maior e primeiro preceito do amor de Deus, nos encaminha, pobres peregrinos, à obtenção daquela pátria, em cujas soleiras imortais a fé e a esperança nos deixarão e onde só ela, a caridade, entrará, para ali reinar. A caridade, que é a grande lei do Cristianismo, deve resplandecer sobre nossa frente e ser árbitra e senhora do nosso coração. Reclama de nós algum sacrifício que não podemos negar aos nossos irmãos, sem nos tornar culpáveis de uma dureza imperdoável, sem desmentir com os fatos o título de cristão, do qual com merecimento nos gloriamos.

Ah, é colocado em grande abundância diante de Deus aquilo que se coloca nas mãos dos pobres e dos infelizes! E Deus que leva em conta até mesmo um copo de água dada por seu amor a um pobre, poupar-nos-á de outras desgraças que nos ameaçam, se alegres nos privarmos de alguma coisa não necessária, mas muito necessária aos nossos infelizes irmãos”.

Filantropia, Beneficência, Caridade

Para a inauguração do monumento ao Marquês Bernardino Mandelli, “coração apaixonado por todo gênero de caridade” e promotor de tantas instituições benéficas da cidade, Scalabrini teve ocasião de colocar em evidência os três conceitos deste título.

São três valores, mas a filantropia permanece teórica e na cabeça dos filósofos; a beneficência desce sim à prática, mas é limitada e só negativa, isto é, reparadora dos males. Só a caridade realiza e não tem limite: é heróica.

A natureza da caridade é divina, porque nasce de Deus e vê no homem não só o irmão por natureza, mas o irmão pela graça, um outro Cristo.

Se é unida a Deus, a caridade fará uma coisa só com a religião: é, portanto, um grave erro desvincular este ramo benéfico da planta que o gerou.

O discurso espelha a realidade política italiana, não só porque se alude à libertação das obras pias, mas também porque a classe política está em conflito aberto contra a religião católica e, exatamente, num período em que só a religião poderia recompor o “grande problema social, que a cada dia mais avança ameaçador ... o proletariado e o capital”.



Na "iniciativa inexaurível", própria da caridade cristã, sintetiza-se também a sua vida, que, como soa o título da sua primeira grande biografia, foi de fato, "a vida e a obra de um grande Bispo" (F. Gregori).

"Deus é caridade e quando se diz que um homem foi caridoso, se diz tudo. É o mais esplêndido elogio. A caridade é intelecto de amor: o seu exercício nos torna bons; A caridade é piedosa atenção às necessidades dos outros, um abrir o coração ao sentimento deles: a caridade é lembrarmos que somos todos irmãos, mas precisamos sê-lo na prática e de verdade. A caridade é sacrifício, é a destruição em nós do mais fatal inimigo de toda virtude e de toda verdadeira grandeza, o egoísmo, o orgulho. A caridade é fecunda, geradora de todas as virtudes; onde ela entra, todas as virtudes a cortejam. A caridade é mãe" (Discurso...Mandelli).

É bela a filantropia: é o socorro estabelecido em favor do pobre com base nos princípios humanitários de igualdade.

É bela a beneficência: é o socorro estabelecido e prestado ao infeliz por reflexo da necessidade e do benefício público, para tirar da sociedade o aspecto preocupante da miséria e a ocasião para inevitáveis desordens.

Mas a caridade é mais bela; só a caridade é verdadeiramente filha do céu. Ela possui os princípios da filantropia, a finalidade da beneficência, mas alcança por estímulo mais eficaz o pensamento de socorrer no homem a própria imagem de Deus, de socorrê-lo por vontade e por amor d'Ele.

A filantropia nasce na cabeça do filósofo e freqüentemente da nobreza da teoria, que é uma idéia, sabe descer à prática, obra de vontade. A beneficência desce à obra, mas ainda que nobre e generosa, veste sempre algo de mensurável, não se exercita com freqüência, se não em vista e em proporção do mal a ser vencido.

Só a caridade é heróica; ela tem uma iniciativa inexaurível, não busca recompensa, afronta e remove dificuldades, encontra em si mesma uma razão de atração, se compadece do sacrifício, nunca esmorece (...).

Toda obra de caridade é essencialmente uma obra de religião. De fato, a caridade nasceu do cristianismo, quando de um lábio divino se ouviu que um só é o Pai de todos, Deus dos Céus, que todos os homens são irmãos, que se devem amar uns aos outros, ajudando-se reciprocamente um ao outro, recordando que tudo o que é feito a cada um desses, é como se fosse feito a Deus. Estes são os princípios que lançaram a caridade no mundo.

Ai dos povos, portanto, cujas obras instituídas em benefício dos sofredores cessarem de ser vivificadas pelos princípios cristãos. Porque o individuo cria a obra: mas só a religião, com seus constitutivos de universalidade e unidade, a transforma em instituição pública permanente e verdadeiramente eficaz.

Por que, pois, querem os legisladores tirar da caridade o seu caráter religioso, retirando-a da vontade sagrada e inviolável dos nossos padres? Por que, querem refutar a inspiração e a participação do princípio religioso? (...).

A caridade é paciente e doce

Na extraordinária obra do "Catecismo Católico" (1877), Scalabrini no capítulo XVII trata dos atributos necessários aos professores de Catecismo. O primeiro de todos é a caridade para com Deus e para com o próximo, que é ilustrada com expressões comoventes de São Carlos Borromeo e de Santo Agostinho. Da caridade, Scalabrini disse que "formou os grandes corações, as almas generosas e verdadeiramente sacerdotais".

Depois da caridade vem o espírito de oração e o zelo, aos quais segue a paciência e a doçura, que são os dois primeiros comentários do Hino à Caridade do célebre Capítulo XIII da Primeira Carta aos Coríntios.

É interessante que no Capítulo IX, Scalabrini, partindo de um "sábio" autor, aplique à idade juvenil os dotes que o apóstolo São Paulo atribui à caridade: a criança crê em tudo, espera tudo, ama tudo aquilo que é bom ou acredita que seja; enche-se de entusiasmo por aquilo que lhe parece nobre e grande, não supõe o mal, não se apraz com a adversidade dos outros; no seu coração não há orgulho; é complacente, terna, juvenil; a sua alma se abre candidamente às mais belas idéias, que se elevam muitas vezes até a sublimação".

Paciência

A primeira citação é de São Carlos e é marcada além da fé por um sadio realismo. O comentário de Scalabrini culmina com a própria convicção do otimismo cristão, que acredita que o trabalho paciente do ensino catequético nunca é perdido, apesar dos resultados contrários.

Este é um pensamento muito querido à pedagogia scalabriniana, especialmente no que se refere aos pais e às mães em particular, que não devem angustiar-se se vêem que o seu trabalho parece infrutífero nos filhos: porque o amor das mães primeiro nasce no coração dos filhos, mas triunfa por último”.

Não podemos esquecer a bela e profunda definição da atividade do catequista, equiparado a um ministério”.

O pensamento final de Santo Agostinho é um poema de sabedoria. “É muito necessária aos professores de catecismo a paciência; em parte para suportar as muitas fadigas inseparáveis da escola e os defeitos daqueles que vêm para serem instruídos, como o incômodo dos pequenos, a falta de modéstia e a arrogância dos grandes; em parte ainda para poder tolerar, aliás, para não levar em conta os desprezos, os quais às vezes serão fatos dignos; aproveitando-se dos exemplo dos Santos Apóstolos e de tantos outros Mestres, que é devolver ultraje com amor em nome do Senhor. O ministério do catequista, é verdade, tem muitos desgostos, muitas amarguras, sérias e pesadas dificuldades. Nos nossos dias, há grande número de juvenzinhos crescidos na mais profunda ignorância dos princípios de fé, nos piores costumes do vício; espíritos grosseiros já dominados pelo erro, que torna difícil o ensino do catecismo. Mas o mestre paciente deve pensar que quando conseguisse endireitar uma só dessas jovens árvores, quando em um ano inteiro ganhasse uma só alma, teria já obtido muito e, qualquer que seja o resultado de suas faculdades, receberá a coroa do Juiz supremo.

As boas sementes, que foram lançadas nos corações das crianças, poderão ser mortificadas, sufocadas pela força das paixões, mas não destruídas (...) e, por isso, o Catecismo produzirá sempre fruto.

Quantos homens foram vistos nos quais parecia de fato extinto todo princípio de crença e que, alcançando a idade madura ou golpeados pela desventura, recorreram aos conhecimentos religiosos recebidos na infância e receberam conforto e impulso para retornar sinceramente a Deus, o único que dá à semente o incremento oportuno. Mesmo que o catequista não veja os frutos de seu trabalho não perca a paciência, ensina Santo Agostinho, mas misericordiosamente suporte o aluno e mais coisas diga a Deus por ele, do que de Deus a ele. (...)

Tenham, portanto, muita paciência, Mestres, acumulem na memória das crianças boas idéias: tempo virá em que essas idéias se reordenarão por si mesmas”.

Doçura

É a segunda nota do Hino à Caridade de São Paulo. O seu oposto é a severidade que é dureza ou aspereza, amarga e estigmatizante.

Na citação de Fenelon, que alude a um Cristianismo que nem sempre foi o feliz anúncio da alegria, mas “idéia fosca e assustadora”, Scalabrini vê realizado o seu desejo de uma pedagogia catequética da religião, “apresentada sob as mais caras feições”.



Todo o Catecismo católico é um hino a esta virtude, e há em Jesus Cristo “o eterno e duradouro modelo da caridade e da santa ternura” (c. XVIII), Jesus...”. A doçura do seu olhar, o sorriso de seus lábios, o afeto do seu coração (...) tinham uma misteriosa atração sobre as crianças, as quais (...) para segui-lo esqueciam por três dias todas as necessidades da vida” (Ib.). E aquilo que havia na pedagogia e nos escritos, estava primeiro na vida de Scalabrini, do qual todos os testemunhos elogiam a afável doçura.

“Seja companheira do mestre do catecismo uma grande doçura, que não ceda e não degenera em moleza, que às vezes se converta em prudente severidade, mas não chegue à dureza. Este é um caminho difícil de se conseguir, mas que é possível atingir-se, quando se pensa nas imensas vantagens, dos quais é a nobre fonte. São Jerônimo, falando da educação cristã de uma certa juvenzinha, escrevia: “aquilo que é obrigada a aprender, graças a doçura lhe seja dileto, não fadiga; lhe seja querer, não necessidade, quanto deve aprender”.

E este é um profundo segredo para o sucesso da instrução catequética dos juvenzinhos. Neles, a sensibilidade é muito viva, a alma é singularmente ávida de agradáveis impressões e de afetuosos sentimentos, e a Religião, que une à sua santa austeridade tantas coisas de uma surpreendente e divina amabilidade, deve-lhes ser apresentada sob as mais caras feições e com a mais amável doçura.

Um semblante amargo desgosta as crianças, coloca no coração delas a aversão ao Catecismo e também à Religião, enquanto que o amor paterno ganha o coração e a afeição das crianças para com o mestre de Catecismo.

As crianças de Annecy corriam para S. Francisco de Sales, como ao mais amável dos pais e com ele partilhavam candidamente as suas alegrias e as suas chagas morais. Ele se enternecia profundamente daquele ardor tão belo e daquela confidente generosidade (...).

Santo Agostinho confessava ter começado sua conversão não tanto pela verdade que Santo Ambrósio pregava, quanto pela afeição e benevolência, que lhe demonstrava" (...).

"Sem uma extrema necessidade – escrevia Fenelon – nunca usem de uma maneira austera e imperiosa, que faça tremer as crianças. Não fariam outra coisa senão fechar-lhes o coração ou despi-lo daquela confiança sem a qual não há razão de se esperar algum fruto da educação.

Fazei-vos amar, fazei com que com vós sejam livres: nascerá algumas vezes o inconveniente de torná-los menos atentos, mas tudo considerado, será para eles mais útil a confiança e a sinceridade do que a rigorosa austeridade, da qual nasce aquela idéia fosca e assustadora da piedade, que se conserva para toda a vida: a única coisa que fica de uma instrução sem doçura".

"Nos nossos tempos ruidosos e superficiais não se leva muito em conta o grande bem que pode fazer nas grandes administrações um espírito suave, humilde, reservado (...); não se conta somente o bem que este faz diretamente e todos os dias, mas o mal que, com certeza, impede os obstáculos que afasta, com seu agir pacífico, os preconceitos que destrói, a harmonia que estabelece entre as várias classes sociais, a recíproca estima entre o pastor e o rebanho; estima que multiplica por cem as forças, que facilita as santas ações, que obtém mais em um só dia do que em muitos anos de furor. É necessário encontrar-se na direção, nos afazeres, para compreender aquilo que eu digo, para se convencer que esta estima, esta recíproca harmonia não é somente um dever, mas uma alavanca potente nas mãos de um Bispo para realizar todo bem em meio aos seus filhos" (Elogio fúnebre de Dom Bersani, Bispo de Lodi, 1887).

*livre tradução de Ivo Prati do folder "Venerabile G.B. Scalabrini Vescovo e Fondatore – Scalabrini e la Carità".